



## Em ritmo de “pra God”: usos, ressignificações e apropriações da cultura contemporânea na música jovem católica<sup>1</sup>

Adilson Rodrigues da Nóbrega<sup>2</sup>

Faculdade Integrada do Ceará / Universidade Federal do Ceará

### RESUMO

O artigo analisa a maneira como músicos de bandas ligadas à Renovação Carismática Católica promovem ressignificações de gêneros musicais da cultura de massa, para a composição de gêneros híbridos, que preservam linguagens originais, mas incorporam temáticas cristãs, com intuito de evangelizar jovens. Com base nos dados empíricos de pesquisa de campo junto à comunidade Shalom, em Fortaleza (CE), são analisadas as ressignificações e também os usos e apropriações desta nova música jovem católica, a formação de gêneros de uma subcultura juvenil vinculada a elementos religiosos e a relação entre esta produção cultural específica e a cultura de massa contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Culturas juvenis; cultura de massa; religião; Renovação Carismática Católica; música.

### Introdução

O instrumental soa familiar para quem conhece o ritmo. Cavaquinho, repique, pandeiro, fornecem os elementos básicos para que um ouvinte reconheça na música os ritmos do pagode, ou mais especificamente, a “suingueira”, sua variação baiana mais contemporânea. Porém, a temática das letras traz aspectos que podem soar inusitados ou até mesmo surpreendentes para quem se adaptou a ouvir os grupos populares deste ritmo no Brasil. Diz uma das canções:

Não é porque uso tênis de mola, nem porque minha roupa é a maior sensação.  
Meu cabelo baixinho não segue a moda, chama atenção é o meu Deus no coração.  
Não é porque toco a “suingueira”, hip-hop, reggae, rock, e tudo que é som.  
Minha musica, sei, é de primeira, mas na verdade é o louvor a Deus que é bom!

A letra de inspiração religiosa é da música “Estou na Moda”, do grupo de pagode Alto Louvor, composto por jovens integrantes da comunidade católica Shalom em Salvador<sup>3</sup>, na Bahia, ligada à Renovação Carismática Católica (RCC). Esta corrente da Igreja

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação (NP-Intercom), evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo da Faculdade Integrada do Ceará (FIC), pesquisador do Núcleo de Estudos de Religião, Cultura e Política (Nerpo) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

<sup>3</sup> A sede central da comunidade Shalom é em Fortaleza (CE), mas ela possui sedes em várias outras dioceses do Brasil e países do exterior, conforme voltarei a falar.



Católica, surgida nos Estados Unidos em 1967, chegou ao Brasil na década de 70 e é hoje uma das mais influentes no Catolicismo brasileiro.

Organizada em torno de grupos de oração e comunidades, a RCC, com sua prática religiosa voltada para a espiritualidade e a manifestação dos dons do Espírito Santo – inclusive com ênfase na crença para curas e milagres – trouxe ao universo católico uma liturgia festiva, com músicas e danças – similares a correntes pentecostais protestantes norte-americanas, de onde se acredita que tiveram inspiração - que se tornaram mais conhecidas do grande público brasileiro ao serem mostradas pelo padre Marcelo Rossi, na divulgação de seus discos nos meios de comunicação de massa do país.

Os elementos festivos da prática religiosa da RCC são claramente influentes na proposta de bandas como o Alto Louvor. Ao combinar elementos de um ritmo popular às letras de temática cristã, o conjunto se insere em uma realidade cada vez mais presente na RCC: jovens que produzem canções voltadas para seus pares de mesma faixa etária, com intuito de transmitir uma mensagem de evangelização específica para este público.

Nesta missão, o Alto Louvor não está sozinho. Bandas como as cearenses E3, de reggae, e Só pra God, também de pagode e até mesmo grupos de *heavy metal* – gênero freqüentemente associado a temáticas soturnas e, em alguns casos, até mesmo ao ocultismo e satanismo – como Rosa de Sarom e Eterna praticam tais combinações.

Como interpretar tais hibridismos entre jovens cuja recepção de produtos da cultura de massa é tão vinculada à nova trajetória identitária pós-conversão que chegam a renegar a obra de artistas que admiravam anteriormente? Que passam, ao integrar grupos de oração e comunidades, a avaliar produtos culturais sob a ótica de uma moral religiosa em detrimento de critérios artísticos e estéticos? Que estabelecem associações como a ligação do reggae com a maconha e do pagode com bebida alcoólica e erotismo e surgem, ao mesmo tempo, usando linguagens destes ritmos para produzir as combinações aqui citadas?

Na tentativa de analisar os fenômenos de ressignificação da cultura de massa por parte de jovens católicos carismáticos, tomarei como referencial metodológico a proposta de análise da apropriação cotidiana dos produtos da comunicação de massa segundo John



B. Thompson (1995), que recomenda atenção “aos contextos sócio-históricos particulares em que as pessoas e grupos de pessoas recebem as mensagens, que dão significados a essas mensagens, o quanto as apreciam e o quanto as integram em outros aspectos das suas vidas”. (THOMPSON, 1995, p.403).

O enfoque deste artigo, então, estará em aspectos como a maneira pela qual os jovens pesquisados se apropriam dos bens simbólicos da cultura contemporânea; a influência dos grupos de oração e comunidades na prática de recepção; a competência cultural destes jovens para esta prática de recepção e suas formas de reelaboração e ressignificação dessas mensagens.

Na primeira parte, retratarei traços elementares da religiosidade na Renovação Carismática Católica e seu impacto para alterações na identidade de seus fiéis. Tal análise serve de ponto de partida para a compreensão da relação entre jovens carismáticos e a produção artística identificada ao “mundo”, por conta de elementos como o erotismo ou supostas insinuações a drogas e homossexualidade.

Abordarei em um segundo trecho, a partir de entrevistas com músicos de bandas católicas e análises de suas canções, a idéia da música como “missão” para evangelizar os companheiros de faixa etária, a reprodução de mecanismos de disciplina do corpo e da moral católica e semelhança temática com itens da cultura de massa, que ultrapassa os limites do simples uso das linguagens.

Por fim, o terceiro trecho deste artigo trata, mais especificamente, dos usos e apropriações das novas linguagens da música católica. A visão de jovens das comunidades católicas sobre os hibridismos resultantes das ressignificações e uma proposta de análise de modalidades diferentes de recepção das músicas compõem este item.

A coleta de dados empíricos aqui mostrada se deu em dois momentos: no primeiro, durante os anos de 2005 e 2006, nos oito meses de pesquisa de campo que resultou na minha dissertação de mestrado<sup>4</sup> e que está presente no primeiro trecho deste artigo, sobre práticas religiosas na RCC. No segundo momento, de nova pesquisa com músicos

---

<sup>4</sup> No caso, a dissertação *Profissionais do Reino: um novo ethos católico na universidade cearense*, defendida e aprovada em 25 de junho de 2007, para obtenção do título de mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.



católicos de bandas aqui citadas e jovens integrantes da comunidade Shalom, há um trabalho de observação específico para este artigo e que aparece no restante desta análise.

A maior parte das pesquisas aqui apresentadas se deu na comunidade católica cearense Shalom. A escolha se deu por três importantes fatores: ela é tida como a segunda maior comunidade da RCC no Brasil, com aproximadamente 30 mil pessoas engajadas em 59 dioceses no Brasil e exterior<sup>5</sup>; o “carisma<sup>6</sup>” da comunidade é essencialmente a evangelização de jovens; fazem parte da comunidade grupos como Só pra God, Alto Louvor, E3, entre outros, o que favoreceu o trabalho deste pesquisador.

### **Práticas religiosas da RCC: transformação na identidade e valores culturais**

Considero fundamental iniciar a reflexão deste artigo pela análise de práticas religiosas específicas nas comunidades da RCC, instituições que reúnem grupos de oração, importantes núcleos de sociabilidade dos adeptos deste segmento do Catolicismo. Cabem a estas comunidades papéis importantíssimos na tentativa de redefinição de identidades de seus fiéis recém-ingressos, processo chamado de “conversão”, o que terá impacto importante em suas formas de lazer e uso cultural, como explicitarei adiante.

A trajetória dos fiéis da RCC costuma se iniciar pela participação do fiel no chamado “Seminário de Vida no Espírito Santo”, conjunto de ritos (como palestras, oração de cura e libertação<sup>7</sup>, efusão no Espírito Santo<sup>8</sup>) que se assemelha ao culto negativo e aos ritos ascéticos definidos por Émile Durkheim (2000). Tal semelhança se dá pelo fato do “Seminário” assinalam a passagem de uma condição profana para uma sagrada, onde o fiel se vê de forma semelhante à descrição de Durkheim em que “a pessoa determinada que ele era deixa de existir e que uma outra, instantaneamente, substitui a precedente. Ele renasce sob uma nova forma” (DURKHEIM, 2000, p.23).

Muito embora a conversão seja vista como um “processo”, é freqüente no discurso dos integrantes a identificação de um momento específico no passado em que a pessoa foi “tocada” ou teve uma “experiência com Deus”. E cabe por diversas vezes, aos

---

<sup>5</sup> Dados fornecidos pela comunidade.

<sup>6</sup> Termo que para comunidades carismáticas representa uma espécie de missão ou vocação comunitária.

<sup>7</sup> Momento de oração em que o fiel carismático acredita se libertar de práticas, valores e comportamentos que o mantinham em estado de pecado.

<sup>8</sup> Rito considerado essencial para o católico carismático. É a partir dele que se manifestam dons do Espírito Santo e se concretiza a “experiência com Deus”, marco simbólico do início de uma “conversão”.



Seminários, cumprir esta função de ser uma espécie de divisor de águas na memória destas pessoas, um marco de um nascimento ou renascimento para a fé.

Valores e hábitos que antes eram importantes ao “convertido” passam a ter sua relevância diminuída a partir da série de experiências religiosas, iniciadas com o rito ou acontecimento. Transformam-se os critérios para julgar a moral, a estética. Conceitos como os de profano, sagrado, pecado, virtuoso, passam a sofrer grandes alterações com a conversão.

As comunidades da RCC se tornam, portanto, locais onde é fornecida a “estrutura de plausibilidade” – expressão usada por Berger & Luckmann (1985) - necessária para fornecer coerência à nova realidade do convertido. São nelas onde se vivencia uma prática religiosa específica, partilha-se valores e crenças e onde se partilham experiências de apropriação de produtos culturais.

E como traçar elementos para entender essa identidade carismática, de um jovem que após o processo de conversão passa a integrar os grupos de oração das comunidades? Com base na observação etnográfica da comunidade Shalom, pude ver que, mesmo diante de uma óbvia pluralidade de mentalidades e comportamentos entre os carismáticos, há elementos que me permitem pelo menos uma tentativa de fazer isto.

Um dos mais significativos é observar o quanto, na formação religiosa da comunidade católica, um modelo de vida ideal para o jovem carismático é construído, de forma enfática, em oposição ao “mundo”. O sentido de “mundo” no discurso de lideranças e pregadores da comunidade é colocado de tal forma que se aproxima bastante da definição de Weber para este termo, um lugar de “prazeres sensuais eticamente irracionais, que afastam as pessoas do divino” (WEBER, 1994, p. 365), um “inevitável recipiente natural do pecado” (idem, p.365).

A nova identidade do convertido, então, é uma identidade em oposição ao “mundo”. O jovem convertido passa a ter como meta afastar-se das práticas e comportamentos identificados como pecado. Divido estas práticas em três grupos: doutrinas religiosas, uso e expressão do corpo e o lazer.



No caso do primeiro grupo, o jovem carismático deve se afastar das “falsas doutrinas”: na prática, qualquer religião que não seja o Catolicismo romano oficial, desde o espiritismo e umbanda (tidos, aliás, como demoníacos) até práticas religiosas de origem oriental.

O segundo grupo diz respeito a vestuário e sexualidade. Embora eu não tenha visto proibições explícitas quanto ao uso de determinadas roupas - como chega a acontecer em documentos de igrejas pentecostais protestantes - muitos discursos eram orientados para que, principalmente as mulheres, “valorizem a castidade” em seu vestuário: o uso de decotes, saias curtas, calças de cintura baixa é visto pelas lideranças leigas da comunidade e pela maioria dos jovens com reservas.

Já a questão da sexualidade também é tratada no sentido de observação rígida aos preceitos do Catecismo romano e das doutrinas oficiais. Assim, a sexualidade só é tida como positiva após o matrimônio e no âmbito dele. Relações sexuais antes do casamento, o uso de qualquer método contraceptivo artificial e práticas homossexuais também são vistas como pecaminosas e reprováveis.

Por fim, o lazer, aspecto que considero mais interessante para a temática aqui tratada. Embora muitos dos participantes afirmem que continuam, após o ingresso na comunidade, a ter hábitos culturais e de diversão quase idênticos aos de antes, os discursos deixam escapar alguns aspectos interessantes. São comuns ressalvas como “continuo indo às mesmas festas, mas agora sem beber”, “ainda vou ao forró, mas não é mais tão importante para mim”, “gosto de todo tipo de música, exceto as de letras pornográficas”.

No cotidiano dos grupos de oração, pude ver manifestações de alegria e ironia às críticas negativas dos cadernos de cultura de jornais cearenses ao filme “Código da Vinci”, baseado na obra homônima de Dan Brown. Integrantes também demonstraram resistência a assistir ao filme, considerado por eles como contrário à Igreja Católica, por insinuar que a instituição esconderia, ao longo da história, um suposto casamento entre Jesus e Maria Madalena.



A página da comunidade Shalom na Internet<sup>9</sup> também me forneceu outros elementos para análise. Em especial, artigos em um *link* denominado “Mundo Jovem”, com críticas a músicos brasileiros como Cazuzza e estrangeiros como o inglês John Lennon. Ambos são vistos como ícones de uma sociedade hedonista, “rebelde” e “individualista”.

Afirmar que os jovens integrantes do Shalom ou da RCC deixam de ouvir a obra destes artistas citados seria uma grosseira generalização. Mas é interessante observar a referência a tais músicos na página oficial do Shalom na Internet como portadores de exemplos contrários à juventude cristã. Mais ainda, ver os juízos de valor feitos sobre as obras dos mesmos que privilegiam critérios de uma moral religiosa - que chega a ponto de condenar Cazuzza por aspectos de sua vida privada, como sua declarada bissexualidade – em detrimento de critérios artísticos e estéticos.

John Thompson (op. cit.) fala que as práticas de recepção acontecem em contextos específicos, chamando atenção para as instituições dentro das quais a atividade de assistência acontece. É importante situar, portanto, que embora a recepção de produtos da cultura de massa raramente se inicie no âmbito de grupos de oração e comunidades católicas, são estas instâncias redes de sociabilidade significativas para os valores – inclusive de preferência cultural – dos jovens carismáticos. É nelas onde acontecem trocas de experiências e interações que reforçam as novas identidades e valores religiosos que passam a orientar comportamentos, inclusive de lazer e consumo.

### **Uma subcultura católica jovem de arte e lazer**

A crença, então, que o lazer é uma das mais perigosas esferas para o contato com o “mundo” parece contribuir para que atividades culturais e de diversão sejam fomentadas no âmbito das comunidades. E é nesse aspecto, que, curiosamente, se dá, com as ressignificações para produtos da cultura “mundana”, algum ponto de contato, por paradoxal que isso possa parecer, com o “mundo”.

É no lazer onde se identificam as principais porosidades em uma possível identidade jovem carismática. É nestas ressignificações onde ela ganha algum contato e se mescla a elementos do mundo. Diante da pequena possibilidade de incorporar elementos de outras

---

<sup>9</sup> A página é [www.comunidadeshalom.org.br](http://www.comunidadeshalom.org.br).



religiosidades ou de uma sexualidade fora dos padrões católicos carismáticos, a combinação de elementos mundanos e cristãos presentes na música católica e em suas danças é o que confere um mínimo de “fragmentação”, para usar o termo de Stuart Hall (2002) a uma identidade católica só aparentemente unificada e estável.

Se no âmbito do esporte e lazer, os jovens da comunidade Shalom e outras comunidades carismáticas são contemplados com campeonatos esportivos, acampamentos (como o tradicional Acamp’s), gincanas, atividades que pretendem combinar diversões e pregações religiosas, no universo da cultura, mais especificamente da música, a combinação de gêneros da cultura popular com letras cristãs é, a meu ver, o aspecto mais interessante.

São estes produtos que evidenciam a peculiar construção de gêneros musicais híbridos e de uma subcultura juvenil de aspectos peculiares. Ela é produzida por jovens que, evidentemente, também são receptores de produtos da cultura de massa, aqui entendida segundo Edgar Morin (1997), como uma formação cultural industrial e cosmopolita que conta com os veículos de comunicação de massa para sua difusão planetária.

Estes artistas, ao identificarem em gêneros musicais, de maneira estereotipada ou não, vínculos com drogas, sensualidade, ou outros elementos de uma cultura “mundana”, parecem dispostos, inclusive a uma espécie de missão: reunir elementos desta cultura, ressignificá-la e transformá-la, produzindo bens simbólicos que, na visão de mundo dos mesmos, são agradáveis aos olhos de Deus.

Uma forma de arte que corresponde, inclusive, a uma modalidade de ascetismo intramundano, segundo o conceito de Max Weber, em que “o mundo torna-se um ‘dever’ imposto ao virtuoso religioso” (WEBER, op.cit., p. 365), que deve ser transformado de acordo com os valores e a ética religiosa.

Músicos de bandas católicas confirmam esta utilização da arte como forma de missão religiosa. Fabiano Landim, 27 anos, vocalista e fundador do Só pra God (além de criador do nome da banda – segundo ele, a denominação “pra God” hoje está presente no nome de bandas similares, católicas e protestantes, de diversos outros estados brasileiros), revela traços nítidos da idéia de ascetismo através da produção musical. Ele conta que,





nos primeiros ensaios, os integrantes tocavam músicas “do mundo, em um nível que só ia caindo” – diz ele, em referência à presença de temáticas de erotização nas letras, comuns no gênero do pagode baiano ou “suingueira”, que serve de base para o grupo em termos de musicalidade.

De acordo com Fabiano, a inspiração para a composição de músicas com temática religiosa veio a partir do conselho de uma “consagrada<sup>10</sup>” da comunidade Shalom e teve sua “confirmação<sup>11</sup>” em um grupo de oração, quando foi lida passagem bíblica em que Jesus convoca seus doze apóstolos para a missão. Fabiano lembra que o grupo tinha exatamente doze integrantes, o que, para eles, foi a confirmação divina que o trabalho de evangelização de jovens por meio do pagode deveria ser levado à frente.

O saxofonista da banda E3, Rubens Emanuel, 19 anos, considera a música “uma ponta de lança para tudo. Para o bem, se for usada para Deus, para o mal, se for usada para o mundo”. Segundo ele, o fato de sua banda utilizar o reggae, serve exatamente como fator de atração, uma espécie de “isca” associada à cultura mundana, para que posteriormente a mensagem de evangelização possa conquistar o público que, inicialmente, tenha se sentido atraído pelo gênero musical.

E aí, seria, onde a “lança”, na metáfora criada por ele mesmo para se referir à idéia de transformação religiosa pela mensagem musical, penetraria: “Jovem gosta de festa. Se ele escuta um reggae, se sente atraído pelo ritmo. Mas depois a lança vai até as entranhas”.

Para Jesús Martín-Barbero, os gêneros culturais operam como importantes mediadores “entre as lógicas do sistema produtivo e as dos sistemas de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 311). Fica a impressão, portanto, que, para as bandas católicas, lidar com o reggae ou outros ritmos já populares entre a juventude brasileira significa trabalhar com uma espécie de gramática de produção e consumo já conhecida nesta faixa etária, o que facilita o trabalho de aproximação, no início, e de inserção de uma mensagem evangelizadora depois.

---

<sup>10</sup> Termo que no vocabulário católico carismático indica pessoa que passa, após período de formação religiosa, a dedicar suas atividades à comunidade, em alguns casos até integralmente.

<sup>11</sup> Expressão usada pelos carismáticos para designar quando uma revelação divina, durante momento de oração, confirma fatos do cotidiano.



Não é de se estranhar, então, que um grupo como o Alto Louvor utilize, como já vimos em trecho de sua letra citada no início deste trabalho, aspectos comuns de uma cultura contemporânea, como a citação ao “tênis” e à “roupa de moda”, sem, porém, deixar de lembrar da importância essencial de que “o louvor a Deus é que é bom”. A mensagem mais importante para o grupo seria a de que “Estar na moda é ter, na verdade, Jesus Cristo, a eterna novidade”.

Outra estratégia interessante de uso dos gêneros se dá nas bandas de *heavy metal* católico. Elementos como a velocidade do ritmo, a distorção nas guitarras, o vocal em tom elevado, são mantidos na vertente católica. Mas as temáticas soturnas, aqui já mencionadas, ganham reelaborações curiosas, com citações freqüentes ao sacrifício sangrento de Jesus pela humanidade. Assim canta a banda Rosa de Sarom:

Como um animal caminhou ao matadouro pra salvar você. Pagou por nossos crimes pregado numa cruz, um castigo que era para todos nós (...) Mas mesmo assim nunca deixa de amar aqueles que ainda o querem crucificar. Sangue que cai ainda em nossas cabeças pra tirar toda a culpa e pra que a gente não esqueça que ainda existe alguém.

A proximidade de linguagens, porém, ganha aspectos diferenciais quando a mensagem de temática cristã entra como elemento. E isso é reforçado pelos músicos católicos. Fabiano, do Só pra God, ressalta que, no caso de sua banda, é importante que a banda leve uma proposta diferenciada dos grupos de samba “do mundo”, para que alternativas culturais em consonância com a fé católica sejam levadas aos jovens. “O samba é usado, geralmente, para a sedução, mas a gente quer dar uma outra conotação”, ressalta ele.

No discurso do músico, percebe-se a necessidade de “dar um sentido” à arte, sentido este que só ganha efeito com a religiosidade expressa na temática das letras. Constitui-se uma oposição ao efeito que a música “do mundo” gera, na visão dele, como o uso do corpo para expressão da sensualidade, por exemplo. Diz ele: “que sentido a música tem? Não é só para diversão. É mostrar que seu corpo é templo de Deus, não é feito nem para você mesmo, nem para o outro”.

É, então, em aspectos como este, que os produtos de uma subcultura juvenil católica gestada pelos artistas da RCC se distanciam de elementos tidos como condenáveis nos



produtos da cultura de massa. E revelam traços de uma moral católica, que configura estratégias pedagógicas de controle sobre uso do corpo, vestuário e sexualidade.

A dançarina do Só pra God, Bruna, de 18 anos, é quem traz estes indícios. Segundo ela, nas apresentações da banda, muitas vezes as jovens em frente ao palco “ficavam dançando ‘errado’, indo ‘até o chão’<sup>12</sup>”, disse ela, que afirmou, nesses momentos, ficar “encarando” tais moças com ar de reprovação. Isso, para ela, cria desafios no trabalho das dançarinas da banda: “a gente precisa criar coreografias para evitar isso, que mostrem que para uma mulher dançar, não é preciso ter sensualidade”.

John Thompson fala que “ao analisar o significado das mensagens, da maneira como são recebidas e interpretadas, estamos, entre outras coisas, reconstruir o sentido que esses receptores dão às mensagens que recebem (...)” (THOMPSON, op. cit., p. 406-7). O contexto de vigilância às manifestações corporais, presente na RCC é elemento a ser levado em consideração no modo como artistas católicos utilizam a dança como manifestação cultural e constroem seu sentido.

Parecem estar claras modalidades distintas de usos e reelaborações das mensagens da cultura de massa, no contexto das manifestações artísticas entre os jovens carismáticos. A música incorpora alguns elementos de gêneros do “mundo”, delimitando uma certa porosidade nas fronteiras da música católica com o mundano. Mas parece recusar temáticas que não façam referência à esfera religiosa. “Já pensamos em compor músicas que falassem de outras coisas, músicas românticas, talvez. Mas vimos que isso não fazia sentido”, diz Fabiano, do Só pra God.

Já na dança, embora a coreografia de gêneros como o reggae seja semelhante ao do reggae “mundano”, é afastada a idéia de permitir que movimentos de dança característicos do pagode e da suingueira – em especial aquelas que ganham conotações de sensualidade na leitura dos jovens carismáticos - possam ser utilizados por dançarinos das bandas católicas. Percebe-se, então, que em uma subcultura juvenil católica, convivem perfeitamente movimentos de aproximação e distanciamento da cultura de massa.

---

<sup>12</sup> Expressão que se tornou comum em alguns gêneros musicais brasileiros para designar movimentos em que o(a) dançarino(a) abaixa os quadris até próximo do solo.



## Usos e apropriações da música católica entre os jovens

Colocados em questão os aspectos anteriores, ligados à formação de valores culturais após a conversão e a maneira como jovens artistas católicos trabalham em suas produções, chega a hora de indagar: como um público receptor dessa faixa etária produz significados a respeito de criações culturais tão peculiares como as canções católicas? Que usos e apropriações fazem eles destas canções e coreografias, que caminham, como vimos, em movimentos diversos de aproximação e distanciamento da cultura de massa na qual este público, mesmo com todas as ressalvas ao “mundano”, está inserido?

Martin-Barbero ressalta que o consumo de produtos culturais “não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos” (MARTIN-BARBERO, op.cit., p.301), onde mais importante que a posse dos objetos são os usos que lhes dão forma social. Cabe, então, identificar as principais modalidades de uso desta música católica contemporânea, híbrida de ritmos populares “mundanos” e temáticas cristãs, pelos jovens a quem, fundamentalmente, tais mensagens são destinadas. Embora todo o conjunto de usos revele, obviamente, multiplicidades, a pesquisa junto a jovens da comunidade Shalom pôde me fornecer dados importantes, que me levam a classificar as principais formas de uso e apropriação em três categorias.

A primeira seria de um uso para proselitismo. O fato destas combinações sugerirem proximidade com gêneros musicais de grande popularidade para os jovens contemporâneos, faz com que católicos carismáticos utilizem estas canções para conquistar fiéis nesta faixa etária. É o caso de Luciana, 22 anos, estudante de Fonoaudiologia, que confessa colocar estas músicas no som do carro para despertar a atenção de colegas de sua universidade – com relativo sucesso, segundo ela.

Para Luciana, são estes gêneros híbridos da música católica jovem os mais adequados para esta tarefa. “A música religiosa mais ‘parada’, contemplativa, não combina com o jovem”, afirma ela. Segundo Luciana, as novas gerações têm se habituado a “louvar a Deus dançando”, por meio de canções. “O louvor fica mais atrativo”, assegura ela, fazendo referência, inclusive, à liturgia festiva da RCC, já comentada neste trabalho.



Outros parecem seguir outro caminho e fazer uso de tais canções para elevação espiritual e como forma de oração. É o caso de Lucas, 23 anos, para quem a música católica é uma “forma de expansão interior”, de “sair da realidade para perceber uma realidade maior”. Isso, conforme ele, pode se dar mesmo com os gêneros híbridos da música católica jovem, pois eles podem ter o papel de “mostrar que você pode curtir um reggae sem fumar maconha, pode ir a uma *rave* sem usar LSD ou bebida energética” – embora ele mesmo se defina como reticente a algumas combinações como o *heavy metal* católico, exemplo em que ele vê o risco do “ritmo chamar mais atenção que a mensagem”.

Uma terceira modalidade de recepção seria a de um uso, aparentemente, mais global: fazer com que a música católica dê um “sentido para a vida” – expressão usada de maneira quase geral por quem se aproxima desta prática. “As músicas católicas não são somente músicas. Elas dão sentido para a vida, por isso, escuto de tudo, do rock ao sertanejo, mas ouço mais católicas que qualquer outro tipo de música” afirma Tereza, 16 anos, estudante de ensino médio. “Os grupos fazem uma música baseada em Deus e em fundamentos éticos”, reforça Wilson, 22 anos, estudante de Matemática.

A produção dos grupos, então, serve para reforçar valores e condutas, servir de fundamentação para a fé carismática. O mesmo Wilson emite avaliação interessante: a de que, paralelamente à música, são fundamentais para a evangelização as apresentações em festivais, especialmente quando ocorre o “testemunho<sup>13</sup>” dos artistas. Para o público, o que se mostra neste momento, com os relatos da trajetória de fé dos músicos, são provas vivas de que é possível ao receptor da mensagem (jovem como o emissor) seguir caminhos de vida semelhantes.

Na opinião de Tereza, mesmo um gênero que a princípio ela estranhou, como a *suingueira* do Alto Louvor e *Só pra God*, pode ter este efeito de fundamentação de “sentido”. “No início, achei aquilo ridículo, muito brega. Você tocar *suingueira* para evangelizar? Mas depois vi que havia algo diferente até na forma de dançar, que valoriza a castidade”, avalia ela.

### **Considerações finais**

---

<sup>13</sup> Relato de trajetória de vida pós-conversão, feito em público, com destaque para o que o fiel considera as maiores intervenções divinas em sua vida.



Em um contexto de concorrência, exigido pelo pluralismo típico do campo religioso brasileiro atual, os gêneros musicais híbridos resultantes das ressignificações da cultura de massa parecem ser uma das principais estratégias da Igreja Católica para evangelização do público jovem. A RCC tem sido uma das correntes que melhor soube, nos últimos anos, adaptar sua mensagem às características e práticas de consumo massivas.

Na luta por visibilidade, em concorrência com o mercado cultural *gospel* das igrejas protestantes – pioneiro em adaptar linguagens da cultura de massa, conforme aponta Ricardo Mariano (2005) – a Renovação Carismática apresenta, no Catolicismo brasileiro, práticas identificadas com o “espetáculo” da sociedade moderna, realidade em que, para Guy Debord (1997) esta mesma visibilidade é essencial, onde “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p.16).

Dessa forma, não é surpreendente que a RCC, exatamente a corrente católica que mais tem colocado sua Igreja na arena pública dos meios de comunicação de massa, desenvolva competências para se apropriar da cultura de massa e adaptar suas linguagens e a supostas demandas de seu público. O fenômeno dos gêneros musicais híbridos é apenas uma vertente de um conjunto de práticas da RCC como as missas-espetáculo de padres-cantores, os grandes eventos públicos, a inserção da mensagem religiosa em emissoras de rádio e TV, como a Canção Nova.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 11<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 2<sup>a</sup> ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2ª ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed.. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX Vol. 1. Neurose**. 9ª ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 4ª ed., vol.1. Brasília: UnB, 1994.